



## **As quebradeiras de coco babaçu da comunidade Sítio (Piauí/Brasil): modo de vida, em movimento.**

*The Babaçu Coconut Breakers of the Sítio Community (Piauí/Brazil): ways of life, in motion.*

DIAS, Millena Ayla da Mata<sup>1</sup>; THEODORO, Suzi Huff<sup>2</sup>, PEREIRA, Kelci Anne<sup>3</sup>, SANTANA, Eduardo Justino<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Universidade de Brasília, [millenadias29@hotmail.com](mailto:millenadias29@hotmail.com) <sup>2</sup> Universidade de Brasília, [suzitheodoro@unb.br](mailto:suzitheodoro@unb.br) <sup>3</sup> Universidade Federal do Piauí, [kelciperreira@gmail.com](mailto:kelciperreira@gmail.com) <sup>4</sup> Universidade Federal do Pará, [eduardosantanak9@gmail.com](mailto:eduardosantanak9@gmail.com)

### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica**

**Resumo:** O artigo busca refletir sobre as mudanças no modo de vida das quebradeiras de coco babaçu da Comunidade Sítio. Com metodologia qualitativa e participante. As análises foram construídas a partir de um olhar teórico interdisciplinar, em que a agroecologia é tomada como ciência, movimento e prática que exige um projeto de reforma agrária popular e o reconhecimento do feminismo popular camponês como um dos eixos da sociobiodiversidade. Os resultados da pesquisa indicam, de um lado, que a identidade guia o modo de vida das quebradeiras, que se assentam na vida ecocentrada, que agrega arte, técnica e cuidados como elementos de um trabalho desalienado com a natureza. De outro, a pesquisa mostra que esta identidade e seu respectivo modo de vida não são estáticos, atualizando-se no conflito com o agronegócio que, ao expandir-se tenta se apropriar dos bens da natureza, dificultando a territorialização das quebradeiras.

**Palavras-chave:** identidade; ecofeminismo; gênero; matopiba.

### **Introdução**

O sul do Piauí é uma região beneficiada pelo ecótono cerrado-caatinga e historicamente ocupada por povos tradicionais que fazem dos bens, ciclos e processos da natureza para produzirem sua existência cultural e material. Entre esses povos se destacam as quebradeiras de coco babaçu, mulheres extrativistas da Comunidade Sítio, localizada na zona rural do município de Cristino Castro (PI). Mas trata-se, também, de uma região marcada por crescentes conflitos socioambientais, na medida em que nela se expande, com apoio do Estado brasileiro, o agronegócio - modelo de desenvolvimento do campo que prevê a eliminação do campesinato local para, sobre as terras e recursos, expandir a produção mercantil.

No presente artigo temos como objetivo analisar as mudanças no modo de vida dessas trabalhadoras, a partir da expansão do agronegócio no sul do Piauí e da auto-organização dessas mulheres em contato com o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Para tanto, utilizamos os resultados parciais da pesquisa de mestrado intitulada "As quebradeiras de coco babaçu do sul do Piauí: memórias e identidades em



movimento”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (PPG-MADER), da Universidade de Brasília (UnB).

Trazemos como referencial teórico para análise o conceito de agroecologia como ciência, movimento e prática (WEZEL *et al.*, 2009), que exige um projeto de reforma agrária popular e o reconhecimento do feminismo popular camponês (PAULILO, 2016; MOREIRA; THEODORO, 2021) como um dos eixos da sociobiodiversidade. Isso significa dizer que, em nossa concepção, a realização de uma agricultura com bases ecológicas só pode ser sustentada por meio da democratização da terra, calibrada em um projeto de campo definido pela organização sócio-política camponesa, em contraposição ao modelo colonial, latifundiário, destrutivo e violento, que marca a economia do Brasil desde a invasão portuguesa e que tendência a hegemonização de um projeto de campo necrófilo para o país.

Ou seja, é preciso reformar a ordem agrária do país, mas, além disso, pautar uma ordem social de gênero em que o papel das mulheres na construção das ruralidades sociobiodiversas sejam reconhecidas. Este reconhecimento vem sendo marcado por mulheres organizadas, no contexto dos movimentos sociais camponeses, como o feminismo popular camponês.

Este feminismo e o projeto de reforma agrária a que ele se vincula, apesar de um caráter deliberadamente político, não se define única e exclusivamente na arena da luta social de classes e de gênero. Trata-se de um feminismo que parte da cultura do trabalho e dos modos de vida ecocentros das mulheres camponesas para definir-se no âmbito de uma consciência holística que vai sintetizando, no saber-fazer, na luta em defesa da vida, a lida com a terra, com a natureza, e a organização político-econômica. Assim, definimos a metodologia da pesquisa, tal como expresso a seguir.

## **Metodologia**

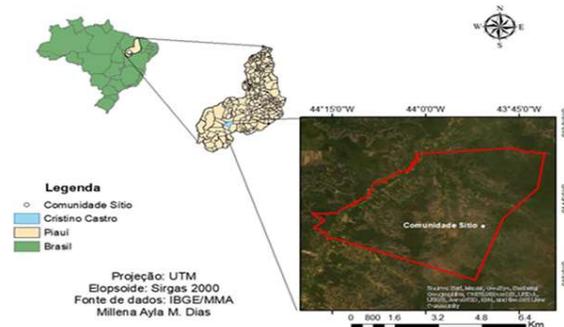
A pesquisa teve a abordagem de base qualitativa, observando as recomendações de Godoy (1995). Além disso, integramos a pesquisa participante e colaborativa dialógica que, se refere a investigação que vai além das experiências, partindo de proposições conjuntas e assumindo um diálogo e a ação transformadora (COLETTE, 2017).

Essa abordagem só foi possível pela relação de compromisso e confiança estabelecida pela primeira autora com o grupo de mulheres em pesquisas e projetos de extensão anteriores. Para além desse vínculo, a comunidade Sítio, localizada no município de Cristino Castro (Piauí, Brasil), conforme demonstrada na figura 01, foi selecionada para a pesquisa por estar no epicentro do MATOPIBA, conforme demonstra a figura abaixo (Figura 01).

O MATOPIBA, trata-se de um projeto de desenvolvimento agropecuário formado pelo acrônimo dos estados do MAranhão, TOcantins, Piauí e BAhia. Com apelo do



capital e apoio do Estado, promove uma série de conflitos de terras e violações dos direitos humanos das populações que vivem nas regiões onde é propagado (FIAN, REDE, CPT, 2018).



**Figura 01:** Mapa de localização da comunidade Sítio, Cristino Castro, PI. Elaboração das autoras, 2021

Além disso, optamos por trabalhar com as mulheres dessa comunidade por sua tradicional e secular prática de extrativismo do babaçu, revelando-se verdadeiras guardiãs da sociobiodiversidade. Nesse contexto, trabalhamos com dezoito (18) mulheres lideranças da comunidade, que estavam envolvidas com a auto-organização comunitária, assim como nos projetos organizativos com a UFPI, MIQCB e CPT. Deste modo, selecionamos mulheres de diversas idades para poder captar, as questões geracionais da transformação do modo de vida.

Os dados da pesquisa foram coletados por meio de diferentes ferramentas:

A) Foi proposto e elaborado um vídeo documentário como parte integrante da pesquisa. Por meio dele buscamos resgatar a memória coletiva da comunidade e pontuar as principais reflexões das quebradeiras da Comunidade, na perspectiva da história contada a partir das próprias mulheres, conforme aponta Silveira *et al.*, (2022), que sugere a articulação do audiovisual como recurso metodológico. O vídeo foi produzido no âmbito do projeto de extensão: a Escola de Teatro Político e Vídeo Popular: Cenas Camponesas a partir das dimensões do vídeo popular como ferramenta da luta de classes.

B) Entrevistas individuais semiestruturadas, realizadas *in loco* e remotamente, via telefone, em função dos horários disponíveis das mulheres, pensando a lógica dessas trabalhadoras em suas múltiplas jornadas de trabalhos, sem deixar de perceber suas dinâmicas de vida no território.

C) observações participantes, por meio das gravações das entrevistas, caderno de campo e conforme a primeira autora participava de diversas dinâmicas da comunidade. E também a partir das condições de ser pesquisadora-escrivente (EVARISTO, 2020) pela descendência de quebradeiras de coco babaçu no Maranhão.



A organização dos dados foi feita por categorias indicadas a partir do Software Iramuteq, a saber: É um software licenciado pela GNU GPL (v2) e permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas individuais/palavras. Ele ancora-se no software R ([www.r-project.org](http://www.r-project.org)) e na linguagem python. E a análise dos dados foi feita cotejando o referencial teórico da pesquisa com os dados organizados segundo as categorias supracitadas.

## **Resultados e Discussão**

A comunidade Sítio se organiza secularmente em torno do Babaçu e do trabalho com a palmeira, considerada mãe, por todos os benefícios que geram para a vida da comunidade, baliza a identidade das mulheres camponesas: elas não “estão”, elas “são quebradeiras”.

Em outras palavras: atividade de lida com o coco, desde a coleta aos seus múltiplos processamentos e usos, guia mais do que o modo de vida na comunidade Sítio; ela orienta o como as mulheres se veem no mundo e com os outros. Neste contexto, o saber-fazer ancestral da lida com o coco propulsiona todo um modo de vida e uma consciência ecocentrada.

Agrega-se neste artigo, os cantos de trabalho, entoados quando as mulheres estão em grupo ou sozinhas. São cantos que trazem suas alegrias, denúncias ou até mesmo apelo para a valorização dos babaçuais e do trabalho com o coco para as comunidades de quebradeiras.

A arte (do canto), a técnica (da lida com o coco) e o cuidado (com a vida) podem ser observados como elementos de um trabalho desalienado com a natureza e fundamentos do Ser-quebradeira, ser mulher em sinergia com o bioma e, nele, com a palmeira.

Todo esse patrimônio cultural e natural relacionado ao modo de vida das quebradeiras, entretanto, encontra-se ameaçado pela expansão do agronegócio na região. No contexto do MATOPIBA, o agronegócio se expande na região, inserindo-a na dinâmica de capitais internacionais e da financeirização da terra, que tem como um de seus suportes a violência e violação dos direitos dos povos do campo (FIAN, REDE, CPT; 2018).

Sob a batuta do capitalismo avançado, empresas e fazendeiros apropriam-se dos bens da natureza, incluindo os babaçuais. Esse processo, vem seguido de um impacto ambiental sem precedentes, decorrente de queimadas, assoreamento, contaminação de cursos de água e dos demais bens de que as comunidades precisam para viver, tão como a destruição dos babaçuais que acabam sendo privatizados por meio das fazendas do agronegócio nos territórios das quebradeiras de coco da Comunidade Sítio (DIAS et al., 2021).



Conformando em ecocídio, conforme o julgamento em 2021, da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, que, por meio de denúncias, alertou o crime de ecocídio contra o Cerrado e seus povos, realizado pelo Tribunal Permanente dos Povos (PTT) (OLIVEIRA, 2021).

Nesse mesmo sentido, Porto-Gonçalves (2019) define os processos de supressão da biodiversidade para dar lugar aos projetos do agronegócio de desmatamento epistemológico. Esse eco epistemicídio é conformado na perspectiva de destruição do bioma para favorecer a produção do Capital pela exploração da terra e dos bens naturais, aniquilando tanto a fauna e flora, como os povos tradicionais que ali vivem.

No conflito com o agronegócio a identidade e seu respectivo modo de vida precisaram ser atualizadas. Por força das circunstâncias conflitivas, mas também da ampliação das oportunidades educativas que as políticas públicas do REUNE permitiram e pela existência de um trabalho histórico da CPT na região, as mulheres quebradeiras entraram em contato com projetos de extensão da UFPI e com o MIQCB, uma fonte de compreensão dos direitos e de viabilização de um novo modo de organização socioprodutiva das quebradeiras, agregando a sua identidade cultural, novas e fortes características políticas.

Esta compreensão, embora lenta e gradual, permeada por contradições, é ainda assim de grande relevância. Ela serviu para que as quebradeiras melhorassem seu ambiente e técnicas de trabalho por meio da participação em editais de financiamento para geração de renda de mulheres.

Deste modo, serviu para que as mesmas se aproximassem de outras realidades semelhantes e se aliassem na organização contra a perda de direitos que as afetam seus modos de vida, tais como o fechamento da escola da comunidade. Isso influenciou as quebradeiras a verem com estranhamento, inquietação e crítica o projeto de futuro de diversos jovens da comunidade. Entre os quais circulam aspirações relacionadas ao engajamento no trabalho das fazendas do agronegócio, sendo que muitos desses de fato deixam a comunidade em busca de uma vida melhor como mão de obra para o agronegócio.

O feminismo popular camponês das quebradeiras passa pela preocupação não só com o futuro dos babaçuais e de seus modos de vida, mas com o futuro das juventudes. Tais elementos apontam para a necessidade de políticas de proteção dos direitos das quebradeiras à terra, dentro de um projeto de reforma agrária que preserve a vida.

Esses preceitos fazem parte da pauta de luta do movimento agroecológico que deve incorporar, cada vez mais, como sujeitos de seu processo, as quebradeiras de coco organizadas e em vias de organização, pautando suas práticas como um legado do patrimônio cultural dos modos de vida camponeses.

## **Conclusões**

Observando a construção do modo de vida das quebradeiras em um território onde avança o agronegócio, percebemos que o processo na tentativa de desconstrução do campo como lugar de vida, vigora por meio da ampliação do capitalismo nas



regiões do Matopiba, conforme os bens naturais são percebidos por esse projeto como mercadoria, o modo de vida e identidade quebradeira é vista como impedimento ao desenvolvimento a favor do capital.

Assim o modo de vida das quebradeiras, conforme as primícias da agroecologia pelo ponto de vista da ciência, a partir da concepção de seus saberes tradicionais em convivência com o ecótono Cerrado-Caatinga. Como movimento em quando se estabelece em prol de um feminismo popular camponês e como prática, pelo modo de vida e por meio da ancestralidade em coevolução com a palmeira do coco babaçu e a sociobiodiversidade. Que se dinamiza em sintonia com o trabalho no coco, destacando-se nele um saber-fazer ancestral.

Esta atualização é compreendida como uma forma de (re) existência que tem no diálogo com os movimentos sociais, a extensão universitária e a pastoral uma fonte de compreensão dos direitos e de viabilização de um novo modo de organização socioproductiva das quebradeiras, agregando a sua identidade cultural, novos e fortes características políticas.

#### **Referências bibliográficas**

COLETTE, Madalena Maria, **Contribuições da pesquisa-ação para o exercício da função social da universidade**. Tese de doutorado da Universidade do Grande Rio “Professor José de Souza Herdy, Rio de Janeiro, 2017.

DIAS, Millena Ayla da Mata et al.; Mulheres, floresta e extrativismo: modos de ser, existir e resistir de quebradeiras de coco babaçu da comunidade “Sítio”, Cristino Castro, Piauí. In: PEREIRA; SILVA; DIAS. **Faz escuro mas cantamos: agroecologia e política no sul do Piauí**. CRV. P.177-198. Curitiba. 2021.

EVARISTO, Conceição; A escrevivência e seus subtextos IN: **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Orgs. DUARTE, C. L.; NUNES, I. R.; ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Mina Comunicação e Arte, Rio de Janeiro, 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**; Revistas de Administração de empresas; V. 35; N.3; P-20-29; São Paulo 1995.

OLIVEIRA, Bianca Danielle; **Agroecologia e agronegócio: uma análise sobre a sindemia (covid-19) nos territórios camponeses da Chapadas das Nascentes-PI**. Trabalho de Conclusão de Curso da Engenharia Florestal da Universidade Federal do Piauí; Bom Jesus-PI; 2022.

PAULILO, Maria Ignez Silveira; Que feminismo é esse que nasce na horta? Volume 15, edição especial, Política e sociedade, Florianópolis, 2016.

WEZEL, Alexandre et al.; **Agroecology as a science, a movement and a practice. A review**. Agronomy for sustainable development, 29(4), P. 503-515, 2009.